

DOBRY VOJÁK SVEJK / 1955

(*"O Valente Soldado Svejek"*)

um filme (em três episódios) de Jiri Trnka

Realização: Jiri Trnka / **Argumento:** Jiri Trnka, baseado em episódios da obra homónima de Jaroslav Hasek / **Direção de Fotografia:** Emanuel Franek / **Marionetas:** Jiri Trnka, inspiradas em desenhos de Jozef Lada / **Animadores:** Bretislav Pojar, Bohuslav Sramek, Jan Karpas, Frantisek Braun, Jozef Novak, Marie Vlcova, K. Sobotko, V.Nervast, M. Novakova, H. Hlouch, J. Zdrobecky / **Música:** Vaclav Trojan / **Narração:** Jan Werich (e Noel-Noel, no episódio dobrado em francês).

Directores de Produção: Mozis, Kminkova e Speldova / **Cópia:** dcp, colorida, falada em checo, legendada em inglês e eletronicamente em português, 75 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na vastíssima tradição do cinema de animação dos países do Leste europeu, e em particular da antiga Checoslováquia (país que muito enriqueceu essa tradição), o nome de Jiri Trnka é figura de proa. Nascido em 1912 e desaparecido em 1969, com apenas 57 anos (segundo todos os relatos Trnka era um "workaholic", totalmente consumido pelo seu trabalho, o que terá contribuído para a sua prematura morte), é nele que se pensa primeiro quando se trata de enunciar grandes vultos do cinema de animação europeu, e especialmente quando a matéria dessa animação são as marionetas e a técnica do chamado "frame by frame" ("fotograma a fotograma"). Trnka teve, de resto, papel fundamental na chamada de atenção para a animação que se praticava nos países do Leste Europeu nas décadas de 50 e 60. Caso raro – ou mesmo muito raro, eventualmente descontando Walt Disney – mas significativo do apreço crítico por Trnka foi o facto de um filme seu (justamente o que vamos ver, **Dobry Vojak Svejek**) ter feito capa da *Positif*, num número duplo de Novembro de 1955.

E, juntamente com a sua adaptação shakespeareana (**Sem Noci Svatojanske**, o "*Sonho de uma Noite de Verão*", realizado três anos mais tarde, em 1958), esta variação sobre as aventuras do soldado Svejek é um dos títulos mais lembrados de Jiri Trnka. Foi, de resto, extremamente popular na Checoslováquia, onde a figura saída da pena de Jaroslav Hasek (1883-1923) era (e é) uma espécie de herói nacional, pequeno símbolo da "nonchalance" checa face à dominação estrangeira – as aventuras de Svejek (ou Chveik, conforme a grafia de algumas edições portuguesas) reportam-se à I Guerra Mundial e ao tempo em que os checos viviam integrados no Império Austro-Húngaro. Com a inclusão, depois da II Guerra, da Checoslováquia no chamado "Bloco

de Leste” sob influência soviética, esses atributos simbólicos de Svejek puderam, *mutatis mutandis*, ser revividos.

O livro de Hasek já tinha sido adaptado ao cinema por realizadores checos de alguma nomeada (em 1926 por Karel Lamac e em 1931 por Martin Fric), e voltou a sê-lo depois de Trnka (lembramo-nos, inclusive, de uma série de televisão que chegou a ser exibida em Portugal, há coisa de umas duas décadas). Pelo que podemos ler, algumas escolhas essenciais na adaptação de Jiri Trnka foram decididas, justamente, pelo peso da figura de Svejek no contexto da cultura popular checa. A “imagem” de Svejek que mais fortemente vivia no imaginário do público checo tinha sido fixada pelos desenhos do ilustrador Jozef Lada, que acompanharam as edições mais difundidas da obra de Hasek. Trnka achou que não podia trair essa imagem, sob pena de criar um Svejek não reconhecível pelos seus compatriotas. E assim baseou-se nos desenhos de Lada, reforçando a fidelidade ao original através do significativo genérico (repetido em cada um dos três episódios), que mostra as personagens literalmente a saírem do livro de Hasek. O sucesso foi retumbante, e o público checo imediatamente reconheceu no Svejek de Trnka o mesmo Svejek de que se tinham habituado a gostar.

Há um efeito de estranheza (um bom efeito de estranheza, precise-se), neste reencontro com a animação de Trnka. Vivemos outros tempos e outros contextos, e a animação contemporânea de grande circulação, completamente enredada na “corrida tecnológica”, tornou-se muito depressa cada vez mais do mesmo. A simplicidade “analógica” do **Svejek** de Trnka é refrescante, mas ainda mais é a sua “tridimensionalidade”, muito física, muito real, que não é questão de mero simulacro. O que surpreende – por exemplo logo no primeiro plano, bastante complexo em termos de movimento interno – é a que ponto existe, e se sente, aqui, o *espaço*. Para Trnka, que evidentemente goza de toda a liberdade do cinema de animação (os segmentos “desenhados”), filmar marionetas implica apenas uma questão de escala, que não impede que se pense esse espaço assim redimensionado em termos propriamente cinematográficos. A planificação, os movimentos de câmara: é talvez este o segredo de Jiri Trnka, filmar os seus bonecos e as suas maquettes como se estivesse a filmar actores normais e cenários normais. É um “olhar de cineasta”, com uma fluência gramatical que muitos realizadores de “live action” podiam invejar.

Luís Miguel Oliveira